

A grandeza das margens

A figura de Joseph Ki-Zerbo fez parte do ambiente intelectual da nossa geração. Os seus engajamentos e os seus trabalhos anteciparam as nossas veleidades e os nossos balbucios. Como batedor, ele colocou as balizas das vias para os outros. Temos ainda em memória um discurso do primeiro presidente da Associação dos Católicos Africanos, Antilhanos e Malgaxes em França e fundador da revista *Tam-Tam*. Ouvíamos uma tomada de posição anticolonialista rigorosa contendo uma opção precoce e clara pela emancipação dos povos colonizados, enquanto que os missionários e os seus bispos, em torno de nós, apenas viam diabólicas maquinações do comunismo ateu.

O “não” de Sékou Touré a De Gaulle que propunha a Comunidade aos africanos, em vez da sua independência, sinónimo de caos foi logo associado ao esquadrão de universitários que se voluntariaram em seu socorro, alguns perdendo a sua vida como o jovem poeta David Diop, e outros uma brilhante carreira universitária como Joseph Ki-Zerbo, ou político-administrativa sob o patrocínio da França, como foi também e ainda o caso dele. O reitor francês tinha-lhe dito claramente: “Senhor Professor, você tem diante de si uma brilhante carreira, reflecta antes de a sacrificar”. E insistia: “Senhor Professor, reflecta mais. Você tem à sua frente uma carreira! Vamos africanizar”. Depois destes tempos heróicos e de epopeia, não houve mais acções brilhantes, mas rudes lutas a nível da política universitária e combates para a história africana. A balcanização e a dependência não foram totalmente consumidas na África Ocidental a nível universitário graças aos laços mantidos e criados pelo Conselho Africano e Malgaxe para o Ensino Superior (CAMES), organizando e arbitrando com toda a autonomia e independência a qualificação e a promoção dos professores africanos pelos seus pares africanos.

Livros de pioneiro e de educador individual impõem a historiografia africana como disciplina científica, sem falar da direcção da colecção para o ensino secundário, ou da *História Geral de África* (Unesco), na qual ele define no Volume I a metodologia,

Fabien Eboussi Boulaga

Director da
revista *Terroirs*

as orientações e as ambições que farão da obra uma síntese incontornável e um indispensável ponto de partida. Joseph Ki-Zerbo é visto como um dos grandes historiadores de África e uma das suas figuras intelectuais de proa.

Somente me encontrei com ele quando ele era já esse personagem confirmado e célebre, furtivamente no tumulto de um enorme colóquio em Kinshasa, por ocasião do centenário da Conferência de Berlim, e durante vários dias de novo em Kinshasa, em 2002. O seu prestígio conjugado ao de V.Y. Mudimbé atraiu multidões em torno de um tema sofrivelmente obscuro e etéreo baptizado de “Travessia”. Houve 400 auditores, depois 750 e 1500 no terceiro dia. Os nossos caminhos cruzaram-se pela última vez em Dakar há dois anos. Já muito sofrido, recebia uma homenagem emocionante dos seus pares e amigos senegaleses no Centro Cultural Douda Seck.

Foi o primeiro encontro quase impessoal que me deixou a mais duradoura das impressões. Ele era, depois de Cheikh Anta Diop, a grande vedeta. Esqueci tudo desse colóquio com as suas mundanidades frívolas, tanto como as suas sábias comunicações. Foi um incidente menor, - sem dúvida esquecido pela maioria dos participantes - que ficou gravado no meu espírito. Aconteceu durante a interacção com o público na sequência da intervenção de Ki-Zerbo. Saboreava-se com prazer a inteligência, a pertinência e a suculência das suas explicações e das suas respostas ornadas de citações e de provérbio, ditos com uma voz suave e com um tom afável, com um humor divertido. Subitamente, essa serenidade desabou dando lugar a uma réplica violenta e acerba. A causa dessa mudança? Uma observação em forma de intimação agressiva que se enunciava mais ou menos como se segue:

Senhor Professor, desde a sua mais tenra juventude, ouvimos falar de si. Está a ver como a África é lamentável. O que é que o senhor fez por ela? Nada! O senhor fracassou. É mais do que tempo de ceder o lugar a pessoas mais jovens.

A severidade contra esse discurso pareceu-me amplamente justificada, apesar de as minhas preferências irem para a ironia perante a postura ridícula que fazia da juventude uma virtude revolucionária, negando todo o mérito a uma longa vida estudiosa e militante, de propostas de reformas sociais e políticas. Neste caso, a cólera era uma santa virtude.

A afirmação não era apenas irreverente e estúpida. Ele vinha de uma dogmática intolerante que se torna assassina quando acompanhada do poder de vida e de morte. Joseph Ki-Zerbo sofria então as perseguições da junta militar dirigida por Thomas Sankara e Blaise Compaoré. Só conseguiu salvar a sua vida fugindo precipitadamente para o Senegal, incerto de estar plenamente protegido. Foi destruída uma grande e preciosa biblioteca que ele tinha construído ao longo de anos e de privações, durante os seus estudos, das suas pesquisas e dos seus trabalhos e como um trampolim para futuras prestações e investigações. De 1985 a 1992, foi o exílio com a sua precariedade e os expedientes de uma lógica do provisório indeterminado. Depois disso, é necessário tudo recomeçar, mas nunca estropiado.

Este episódio simbolizou para mim a natureza difícil e problemática que o intelectual tem com a sua sociedade. Joseph Ki-Zerbo não podia acolher Sankara e os seus como messias. A sua fraseologia revolucionária não conseguia dissimular a sua incultura histórica, o carácter improvisado e petulante do seu procedimento. Neste país encravado, esse dispositivo dos Estados do Entendimento que fazia uma inclinação para a Costa do Marfim fornecendo-lhe uma abundante mão-de-obra para o seu papel de vitrina da descolonização bem sucedida à francesa, onde se encontravam as suas bases de recuo, os seus aliados? Onde estava então o equipamento revolucionário deles? Onde é que

ela se tinha formado a não ser nas escolas militares neo-coloniais? Não se devia ter largar jovens milícias sem discernimento sobre populações das cidades e das aldeias. Em que é que a sua ideologia não era mais do que um catecismo marxista-leninista tropicalizado, objecto de psitascimo patético? Esta situação dava sinais de uma crise na qual a “revolução” podia captar as energias em loucura? Os povos e os adolescentes preferem os mitos, os heróis imaginários aos homens sóbrios e com experiência. A irrupção de Sankara e de Campaoré introduziu uma dimensão até então ausente no que tinha

sido o Alto Volta, a violência gratuita e o assassinio político.

O que pode o intelectual fazer em tais condições? Joseph Ki-Zerbo foi exemplar. Ele não se evadiu num absentismo erudito, na fábula da primazia e da sacralidade da ciência considerada como uma vocação. Ele traduziu o seu saber em opiniões discutíveis oferecidas aos não especialistas com vista à sua formação cívica.

Nos partidos políticos que ele fundou e nas organizações não governamentais, ele foi essencialmente um educador das consciências e das liberdades. Joseph Ki-

Zerbo, demasiado grande para o Burkina-faso sem peso na sua casa na alquimia das etnias que determina a alocação dos poderes, a balcanização tornou-o “estranheiro” no resto de África. Apesar do respeito e da veneração que se lhe dedicam, as estratégias de posicionamento capitalista marginalizam-no, condenam-no à dispersão para se encontrar os meios das suas obras.

Joseph Ki-Zerbo conheceu na maior parte das vezes o isolamento. A solidão foi-lhe poupada pela graça de um casamento maravilhoso, a presença militante, inteligente e, no entanto afectuosa de Jacqueline.